

---

## Comunicação, Gênero e Ficção Seriada: o poder dos afetos em Amigas para Sempre

Isabella Coelho Mol SANTOS<sup>1</sup>

Lívia Werneck SILVA<sup>2</sup>

Luiz Ademir de OLIVEIRA<sup>3</sup>

Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)

**RESUMO:** O artigo analisa a série “Amigas Para Sempre”, que foi ao ar entre os anos de 2021 e 2023 pela Netflix e que conta a história de Tully Hart e de Kate Mularkey, duas amigas de infância que se esforçam para manter a amizade ao longo da vida mesmo quando os desafios dificultam esse processo. Desafios tais que, também na vida real, são utilizados como artifícios para a manutenção da dominação masculina (Bourdieu, 2002; Wolf, 1992; Berger e Luckmann, 2007; Avelar, 1989) e da ordem social e econômica vigente, como a rivalidade, os estereótipos, as cobranças e as comparações entre as mulheres. Pretende-se aqui, portanto, estabelecer um debate entre a mídia e a luta feminina, ao entender como “Amigas Para Sempre” reproduz a lógica capitalista através do uso das estratégias da Indústria Cultural (Adorno e Horkheimer, 2000) e do poder da Comunicação (Thompson, 2013; Oliveira, 2023; Kellner, 2001; Machado, 2005; Meimaridis, 2017), mas também auxilia na propagação do debate sobre a causa das mulheres.

**Palavras-Chave:** Amigas Para Sempre; ficção seriada; feminino.

### 1. RESUMO EXPANDIDO

Baseada no livro homônimo da escritora norte-americana Kristin Hannah lançado em 2008, “Amigas Para Sempre” chegou na Netflix em 2021 e, com duas temporadas e 26 episódios, encerrou-se em 2023. O produto conta a história de duas amigas de infância, Tully Hart (interpretada por Katherine Heigl) e Kate Mularkey (vivida pela atriz Sarah Chalke), que se conheceram ainda jovens na pequena cidade em que viviam e que desbravaram a vida lado a lado. O enredo central da trama é a amizade, a cumplicidade e os fortes laços afetivos de

---

<sup>1</sup> Graduanda em Comunicação Social – Jornalismo e Bolsista de Iniciação Científica financiado pelo Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Científico (CNPq), do projeto “Comunicação, Gênero e Identidade: uma análise do seriado Anne with E”, da Netflix, da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), orientado pelo professor Dr. Luiz Ademir de Oliveira. E-mail: [coelho640@gmail.com](mailto:coelho640@gmail.com).

<sup>2</sup> Graduanda em Comunicação Social – Jornalismo e Bolsista de Iniciação Científica, financiado pela Fundação de Amparo de Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), orientado pelo professor Dr. Luiz Ademir de Oliveira. E-mail: [livia379@hotmail.com](mailto:livia379@hotmail.com).

<sup>3</sup> Mestre e Doutor em Ciência Política pelo IUPERJ, mestre em Comunicação Social pela UFMG, Graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela UFJF, atualmente é Bolsista de Produtividade do CNPq – Nível 2 (2023 a 2026), docente e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da UFJF e do Programa de Pós-Graduação em Letras – Teoria Literária e Crítica da Cultura (PROMEL) e do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: [luizoli@ufs.edu.br](mailto:luizoli@ufs.edu.br).

---

mais de trinta anos criados entre as duas, que, num drama, oscilam entre momentos de felicidades, conquistas, períodos de turbulência e até rompimentos com reaproximações em cenas carregadas de emoção. Juntas, elas precisam aprender a se respeitar e a manterem-se unidas, mesmo quando, individualmente, passam por grandes mudanças - o que se mostra difícil e, em algumas vezes, doloroso.

Feita para um público adulto e sendo um retrato da vida real, “Amigas Para Sempre” é uma série leve e tranquila, que levanta reflexões sobre o poder de se ter uma companhia ao longo da trajetória, mas também sobre as dificuldades da vida de milhões de mulheres, quando se aproxima de um tom mais realista. Juntas, Tully e Kate vivem os desafios comuns a mulheres ao longo da vida, a começar pela adolescência, o que gera identificação com o público feminino que assiste aos episódios. Da cumplicidade e da insegurança na adolescência, trata dos desafios da vida adulta, seja na esfera dos relacionamentos e na vida profissional até as decisões que são obrigadas a tomar sobre o universo feminino. Entre as decisões, a de ter filhos e trabalhar ou não, a escolha de não ser mãe e "pagar um preço pela atitude", as crises de autoestima, os fantasmas do passado que assombram a vida adulta são questões que aparecem ao longo da série, fazendo com que a vida das personagens se aproxime mais do cotidiano de milhões de mulheres em seus dilemas.

Ao se tratar de uma sociedade hiper midiaticizada, como a do século XXI, entende-se que a mídia é o atual mecanismo por meio do qual os indivíduos inseridos no tecnocapitalismo (neologismo que associa o capitalismo aos avanços tecnológicos) extraem as suas orientações identitárias, capaz de moldar os seus pensamentos, crenças e atitudes. Assim, o presente trabalho investiga o modo como produtos audiovisuais são capazes de transformar, com mensagens positivas e de resistência, a vida das pessoas. Isso é feito por meio da transmissão de ideias que propagam a resistência feminina e a luta contra o patriarcado e a dominação masculina (Bourdieu, 2002), que tentam criar empecilhos para a aproximação das mulheres.

---

Quanto à Comunicação, Gênero e Identidade Feminina, conforme aponta Bourdieu (2002), a dominação masculina é uma construção social propositalmente planejada para diminuir as mulheres e as ter sob controle, a partir de uma imposição de poder que se apresenta como naturalizado. Trata-se do que o autor chama de violência simbólica ao se referir, por exemplo, que cabe à mulher conciliar tarefas domésticas, o papel de mãe e um espaço no mercado de trabalho, como se aos homens o universo do lar fosse apenas de aconchego e prazer. Parte-se da concepção de que fenômeno causador das crenças desiguais entre gêneros, que permite a dominação masculina, é a socialização, tendo em vista que Avelar (1989) explica que, na socialização, há uma hierarquização e distribuição de valores que são diferentes conforme o gênero do indivíduo e fornecem a ele elementos fundamentais para a formação da sua personalidade. Às garotas transmitem-se valores com maior foco na dependência, obediência e importância do comportamento maternal, relativos à emoção e ao ambiente privado. Já aos garotos, repassam-se valores como independência, auto realização e importância do desempenho, relativos à razão e ao espaço público.

A mídia serve, muitas vezes, de palco para a violência simbólica, pois tende a refletir as relações de poder ao comparar constantemente as “naturezas” femininas e masculinas. Propaga, de forma recorrente, informações de descrédito ao desempenho das mulheres na vida política, baseadas nos estereótipos impostos pela dominação masculina e repercutindo o mito da beleza. Wolf (1992), no seu livro “O mito da beleza” discute que, para garantir a sua identidade feminina, a mulher precisa apresentar-se sempre bela. Segundo a autora, o excesso de peso, ao mesmo tempo que a extrema magreza, é uma preocupação constante para elas, especialmente na velhice. Ela reforça que não há nenhuma justificativa legítima para o mito, e sim que ele é fruto da estrutura econômica vigente, a qual tenta instintivamente criar uma ofensiva contra as mulheres. O mito, então, faz com que elas desconfiem e comparem umas às outras com base em suas aparências, o que contribui para que elas se isolem e não sejam capazes de formar uma luta, e cria a rivalidade feminina. Em geral, os homens criam ambientes de trabalhos opressivos, na intenção de desenvolver nas mulheres características como redução do amor próprio, a falta de ambição, o maior respeito pelos homens do que pelas mulheres e falta de controle sobre as próprias vidas. Em todos os cargos, elas precisam dividir o tempo para trabalhar, cuidar da casa e da “beleza”, para que sejam respeitadas.

Quanto à mídia, TV e Ficção Seriada, a mídia, que antes ocupava um espaço central na vida social, hoje está presente no cotidiano dos indivíduos de tal forma que altera a lógica de

---

funcionamento da sociedade, que, por isso, vai de uma “sociedade dos meios” para uma “sociedade midiaticizada”. Ao analisar a relação mídia e gênero, destacam-se os Estudos Culturais, que surgem nos anos 50 na Inglaterra e têm como um dos precursores o sociólogo e teórico da comunicação e da cultura, Raymond Williams. Trata-se de um campo teórico e metodológico multidisciplinar e entende que é necessário estudar não só as chamadas culturas eruditas, mas também as das classes minoritárias. Tal teoria entende as mídias como espaços de disputas simbólicas em que grupos contra hegemônicos podem construir formas de resistência. Os Estudos Culturais articulam as ideologias, os valores e as representações do sexo, raça e classe na sociedade, e como esses fenômenos se relacionam entre si. Para Kellner (2001), os produtos da indústria cultural são vistos como modeladores de paradigmas da vida cotidiana, já que eles têm o papel de definir identidades e os valores que permeiam a vida das pessoas. Criam, assim, repertórios culturais dos quais o indivíduo, situado na sociedade tecnocapitalista, extrai suas orientações identitárias.

Machado (2005) afirma que as pessoas falam de televisão sem saber exatamente do que estão falando. Ele explica que a população foi acostumada a enxergá-la como um meio de comunicação popular, no sentido ruim e isso faz com que deixe de notar as experiências poderosas e singulares que definem a TV como um fenômeno cultural importante, como conglomerado de obras criativas que ela acumula. Apesar da resistência inicial, a TV ganhou cada vez mais espaço, tornando-se um meio multiplataforma, que caminhou para ter legitimidade e ser vista como uma fonte de informação e entretenimento crucial, que se diferencia da literatura e do cinema, com características próprias (Meimaridis, 2017).

A televisão não criou, entretanto, a forma seriada de narrativa, a “ficção seriada”, mas a aperfeiçoou a fim de atender uma lógica mais industrial. Isso porque ela já existia, por exemplo, na literatura. Devido à necessidade de alimentar uma programação ininterrupta de materiais audiovisuais, a TV apostou na produção de larga escala dos produtos, na qual a serialização e a repetição infinita do mesmo protótipo constituem a regra. Segundo Machado (2005), a serialização refere-se a um conjunto de sequências sintagmáticas que se baseiam na alternância desigual. Nesse sentido, “cada novo episódio repete um conjunto de elementos já conhecidos e que fazem parte do repertório do receptor, ao mesmo tempo em que introduz algumas variantes ou até mesmo elementos novos” (Machado, 2005, p.89).

Quanto ao estudo de caso sobre a série “Amigas para sempre”, serão adotados os seguintes procedimentos metodológicos: (a) pesquisa bibliográfica com a revisão de literatura

---

sobre gênero, mídia e ficção seriada; (b) pesquisa documental, com a coleta dos episódios da série “Amigas para Sempre”, na Netflix; (c) Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), mesclada à Análise Fílmica (Penafria, 2009). Entende-se que a análise do conteúdo das séries permite investigar quais os principais assuntos abordados sob o parâmetro da construção de personagens femininas. Na Análise Fílmica, podem ser acionados quatro tipos definidos por Penafria (2009) a análise textual, análise de conteúdo, análise poética e a análise da imagem e do som. Para este trabalho será acionada a análise de conteúdo. A autora explica que, por meio da análise fílmica, é feita uma decomposição do produto audiovisual, separando as diferentes partes, a fim de analisar, em profundidade, as nuances de cada parte. A análise ocorre em duas etapas: a primeira consiste na decomposição e o ato de descrever as partes, e, em seguida, estabelecer e compreender as relações entre os elementos propostos, nesse caso, as nuances das narrativas e a representação do feminino.

O seriado “Amigas para sempre” traz o enredo em que Tully e Kate sonharam juntas uma vida futura, mas seguiram caminhos distintos na prática. A primeira tornou-se uma famosa repórter de televisão, ganhando o seu próprio programa, enquanto a segunda, apesar de ter trabalhado como diretora televisiva, casou-se e deixou o trabalho para cuidar da filha, Marah (vivida por Yael Yurman). Ainda assim, as duas não perderam a amizade, sendo as âncoras uma da outra. O ponto de partida da série é, contudo, novos desafios na vida das duas. Kate separa-se do seu marido, Johnny, e decide voltar ao mercado de trabalho, agora que Marah é adolescente. Enquanto isso, Tully passa por dificuldades em sua vida pessoal e na sua carreira, perdendo o seu show. Para mais, a narrativa da série é não linear, ao passo que as cenas se revezam entre a vida das amigas enquanto elas eram adolescentes aspirando por novas coisas e morando na pequena cidade, e anos depois, adultas, com suas vidas construídas. A relação das protagonistas é estereotipada, porque, enquanto crescem, Tully destaca-se pela sua beleza e pela sua popularidade, contudo, devido ao pai ausente e a mãe viciada em drogas, ela sente-se muitas vezes infeliz, ao passo que Kate demonstra-se tímida, ainda que muito imaginativa e sonhadora, mas possui uma família estável e atenciosa. Percebe-se que as duas comparam-se ao longo dos episódios, quando, na verdade, almejam profundamente o que a outra tem. A série cria um cenário perfeito para uma relação que poderia se tornar uma grande rivalidade, mas mostra que não precisa ser assim.

A primeira temporada mostra o início da vida de Tully, que vive a infância morando com a sua avó, devido aos problemas do vício de sua mãe, Dorothy. Entretanto, quando a

---

menina entra na adolescência, a sua mãe reaparece e decide levá-la para viver consigo, momento em que a menina conhece Kate, sua vizinha, e a sua família. Kate, por sua vez, tem poucos amigos e se sente solitária, identificando-se rapidamente com a nova moradora, que estuda na mesma escola que ela. Os episódios mostram como as duas se tornaram grandes amigas, mostram o período em que cursaram jornalismo e vão parar no mesmo emprego, até que Kate se casa com Johnny, que também trabalhava no local e têm uma filha Marah. Tully, por sua vez, foca na sua carreira, enquanto a amiga fica na vida doméstica. Já a segunda temporada começa com uma tragédia vivida após uma explosão no Iraque, em que Johnny se fere. Kate e Johnny reatam o relacionamento, após diversas dificuldades e percalços. Traz momentos de maior tensão e de uma carga dramática, com o rompimento da amizade das duas amigas e, posteriormente, Kate descobre e enfrenta um câncer de mama de Kate, que as reaproximam, mas levará à morte. A mensagem que a série passa, entre outras, são os percalços de uma amizade, especialmente entre mulheres, as quais são constantemente dificultadas pelos homens e pelo sistema machista, opressor e patriarcal, mas também o poder desses afetos: o apoio quando necessário, após traumas, perdas e dificuldades; os conselhos ao longo da vida; a identificação que só se pode alcançar com alguém que te entende como mulher e a liberdade de ser sincera e de poder ancorar em alguém como sua amiga - o poder da verdadeira cumplicidade, a qual, esta sim, deveria ser procurada e é possível, ao contrário da propagação de rivalidades que causam apenas sofrimento.

## Referências

AVELAR, Lúcia. **O Segundo Eleitorado**: tendências do voto feminino no Brasil. Campinas: Editora Unicamp, 2. ed., 1989.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

KELLNER, Douglas. **A cultura das mídias**. São Carlos: EDUSC, 2001.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. 4. ed. São Paulo: SENAC, 2005.

MEIMARIDIS, Melina. **Dissecando a estrutura dos narrativos seriados médicos americanos**. 2017. 163 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social. Niterói, 2017.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes-conceitos e metodologia (s). In: **Anais do VI Congresso Sopcom**. 2009. p. 6-7.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.